

TENSÕES E CRUZAMENTOS EM PÚBLICO OU PRIVADO – O «OUTRO» EM JÚLIO DINIS E ALGUNS ESCRITORES INGLESES

CARMEN MATOS ABREU*

Resumo: *É consabido que o «outro lado do saber» sempre fará parte de qualquer processo investigativo, e seja qual for a matéria equacionada para objeto de estudo, na espiral evolutiva de cada projeto o investigador confronta-se, e por vezes surpreende-se, com «o outro», seu par na mesma ou noutras matérias, mas sempre de capital importância na produção do conhecimento. E só após a consciente interpenetração de saberes, regidos embora por contextualizações e conceptualizações segundo quadros epistemológicos de cada época, se chega ao ato da palavra escrita. Transferindo-nos entretanto dos rigores do trabalho académico para a liberdade do trabalho literário ficcional, de facto também estes autores se debatem com processos de interação. O esforço por contrariar a centralidade no «eu» a que se tem vindo a assistir nos últimos tempos fora já, afinal, uma preocupação de outros momentos, dos escritores romântico-realistas, por exemplo, cuja plasticidade de recursos literários se procurará demonstrar através de alguns romances de Júlio Dinis, com clara intervenção do pensamento de Jane Austen e Charles Dickens. Na criação das personagens destes escritores denota-se o respeito, individual ou coletivo, à presença do «outro», ainda que pela afirmação andrógina dos caracteres ou pelo recurso à expressividade mimética da arte pictórica.*

Palavras-chave: *O «outro» na trama; a construção de identidade; defesa da honra; personagem andrógina.*

Abstract: *That «the other side of knowledge» will always be part of the investigative work is a fact, and whatever is the selected matter, during the development of each project, the researcher is confronted, and sometimes surprised, with «the other» identity, perhaps his equal in the same path of knowledge, but always of great importance in the production of his work. The interpenetration of different knowledge assumes such an important role in the research process that a diverse epistemological frame has always to be reflected in the moment the text is written. And when moving from the inflexibilities of the academic work to the freedom of the fictional literary work, it is a truth that all these authors face contrasting interaction processes in their texts. The most recent efforts to deny the centrality of the «self» has already been, after all, a concern of other literary periods, such as the romantic-realist writers, for example, whose plasticity of literary strategies will be demonstrated in this paper through some novels by Júlio Dinis, Jane Austen, Oliver Goldsmith, Henry Fielding and Charles Dickens. In all their novels, the presence of the «other» always searches for the purpose of self or collective respect and honor, sometimes supported by the androgynous character and the mimetic expressiveness of pictorial art.*

Keywords: *The «other» in the plot; construction of the identity; defense of the honor; androgynous character.*

A instância do «outro» ocupa, no contexto social dos romances desta abordagem, um lugar de suscitada motivação narrativa. Uma consequência provável da sensibilidade com que estas personagens atuam, quer em público quer em privado, é o cuidado que nelas se

* CITCEM, FLUP | carmen.m.abreu@gmail.com.

denota relativamente àqueles com quem se relacionam, tendo para tal a prudência de que um gesto, uma ação ou um comentário não possam receber preponderância que os prejudique. Não afirmaremos que neste princípio de decoro social, cultivado a partir da identidade singular, não se reconheçam exceções; não obstante, a disposição imperante é para se manter o máximo respeito pelo «outro», extraindo-lhe potencialidades e conhecimentos de pontual utilidade na relação desse «outro» com o «eu», e vice-versa, posicionamento que, finalmente, resulta da cosmovisão social da estética romântica. E então verificar-se-á que, no romance oitocentista, «o outro lado do saber» decorre de um cultivado e engenhoso processo de urdidura relativamente à integração do «outro» para harmonização da trama, e segundo as ambições e expectativas autorais. Entretanto, e antes de se avançar, cumpre-nos sublinhar uma questão de capital importância nesta abordagem. Referimo-nos a outra harmonização, agora a do perfil deste trabalho com o conteúdo temático sugerido para este escopo de publicações na perspectiva, tão atual, da «neutralização das diferenças» e «naturalização das desigualdades» num «cenário mundializado e globalizado». De facto, a leitura que este texto oferece tornará rapidamente claro que o seu conteúdo se subtrai à periodologia proposta, já que em cada percurso narrativo do século XIX longe estava a dita «preocupação moderna ou pós-moderna, mas inquestionável, de ‘olhar para o outro lado do(s) saber(es)’». Ainda assim, e não se podendo aludir ao atual «‘sujeito único’, com direitos universais», poder-se-á contudo referir o sujeito que afirma a sua identidade em profunda consciência da importância do «outro» na construção e enriquecimento individual, não só o integrando na tensão das igualdades e diferenças que os caracteriza como na imposição das obrigações e deveres a que estão socialmente submetidos, sendo tantas vezes desse mesmo «outro» que a personagem recolhe o exemplo pelo saber demonstrado, e geralmente a partir da sabedoria do ancião. Sempre orientado pelo forte sentido de honra, este sujeito oitocentista emancipa-se numa construção individual de moralidades que, por sua vez, se superlativa e conjuga na almejada ordem do *corpus* social, que assim se vai homogeneizando. José Augusto-França refere que Júlio Dinis é o «romancista da boa moral burguesa»¹. De notar, porém, que as ações de exemplaridade que nas páginas se pulverizam pelas várias classes sociais são frequentemente recolhidas junto do povo, que na sua simplicidade de trato social se sabe libertar de condicionalismos e molduras de convenção, transparecendo nas suas decisões e opiniões de maneira mais espontânea, logo, mais autêntica. Bastará reter o exemplo da personagem Ana do Vedor junto do aristocrata D. Luis, em *Os Fidalgos da Casa Mourisca*.

Na obra *The Critique of Reason in English Literature*, J. Shaw é claro quando refere que, desde a Idade Média, o único momento da história intelectual da Europa que aceitou, com fixidez ideológica, as categorias subjetivo/objetivo, racional/irracional e eu/outro foi o gigante crítico chamado Romantismo², coordenadas de bipolarização pelas quais estes textos, mais românticos ou mais realistas, de facto se regem. E é nessa precisa

¹ FRANÇA, 1999: 431.

² SHAW, 1995: 36.

consciência de duelo de contrários que a maioria das personagens revela respeito pelas diferenças, e se porventura pretendem penetrar na área anímica do «outro», que antecipadamente admitem de difícil acesso, vão cuidadosamente adiantando pistas de reflexão até que o visado as descubra por alcance heurístico. Torna-se porém manifesto que as personagens que demonstram esta consistência nos seus contactos com as demais, a evidenciam essencialmente na família, assumindo o *locus* de bisetrix preferencial para interação com outras personagens distribuídas pelos vários cenários sociais. De notar ainda que quer a periodologia que ocupa a produção dos textos dinisianos, quer a de alguns dos autores ingleses chamados à colação, coincide já com o período vitoriano no qual, sobretudo em Inglaterra, as transformações culturais eram, de facto, acentuadas, e, por tal, geradoras de forte tensão na afirmação da identidade. Referindo-se à poesia deste período, Maria João Pires alude à «redefinição das relações que se estabelecem no seio da própria representação: entre o eu e a sociedade, o eu e o trabalho, o eu e a linguagem e, acima de tudo, o eu e o amor»³, tensão e cruzamentos em que o «eu» é colocado diante do «outro» na consideração e defesa da identidade, ora extraindo ora fornecendo os necessários saberes num cruzamento não raras vezes interposto pela voz coadjuvante de terceiros a partir dos desígnios da ação romanesca. Mas perguntar-se-á, talvez, porquê este tipo de cuidado nos desenvolvimentos narrativos no que concerne às relações interpessoais? Sabe-se que foi neste período que o público se iniciou na aproximação à leitura de romances, público que, não tendo ainda grande preparação literária, ignorava convenções e padrões clássicos dando preferência à emoção a partir de episódios de «simples intensidade e diversidade de impressões»⁴. E então, a partir deste quadro de referências, estes escritores evidenciavam nas páginas propósitos educacionais através de peripécias moralizantes tecidas nos enredos, nunca prescindindo de recorrer a manifestações de carácter onde se exalta a preocupação com o «outro», em frequente relação de vantagem bilateral e proveitosa troca de conhecimentos, empíricos ou teóricos. São personagens geralmente despidas de afirmações egocêntricas, que sabem abalar códigos e fronteiras sociais e que, pelo contrário, se revelam filantropas na maneira como se entregam às causas alheias, quer estas, direta ou indiretamente, se incluam nos seus grupos de pertença ou não. Mas como todas estas considerações no seu processo evolutivo suscitam a necessária confirmação a partir dos textos, passemos à atividade interpretativa.

Neste enquadramento, um dos grandes exemplos que se poderá recolher do trabalho literário de Júlio Dinis expõe-se nos relacionamentos dos conhecidos episódios sentimentais de Pedro e Clara e de Daniel e Margarida, em *As Pupilas do Senhor Reitor*. Já numa fase de adiantado relacionamento narrativo destes casais, o facto de Daniel se deixar entusiasmar pelos encantos da namorada do irmão Pedro incitava o jovem, sempre que podia, a fazer-se encontrado com Clara. E na medida em que Daniel também não era de todo indiferente a Clara, tal circunstância acabava por gerar algumas situações embaraçosas, sobretudo para a reputação da jovem. Apesar das súplicas de Clara no sentido de

³ PIRES, 1996: 154.

⁴ SARAIVA & LOPES, 2000: 657.

Daniel não a procurar, surpreendidos pela presença de João Semana num desses momentos de encontro junto à fonte, a reação dos jovens – ela que foge e ele que se esconde – alimenta razões de curiosidade no velho clínico da aldeia. Localizado o jovem Daniel, as duas personagens médicas trocam frases de pontual ambiguidade em torno da poesia daquele local e das qualidades medicinais da água daquela fonte. Mas quando João Semana lhe insinua que, momentos antes, tinha visto uma jovem que tentou escapar à sua observação, o reitor, que do alto de um tronco de árvore intencionalmente espiava todo o percurso daquele encontro, quebra o anonimato da escuta e dirige a palavra a João Semana, nestes termos: «Tens boa vista, João, mas não tão boa que te não passe por alto um amigo velho»⁵; e segundo o narrador, o diálogo continua nestes termos:

– *Pois é verdade – continuava o pároco, apoiando-se na bengala, e descendo, com vagar e cautelosamente, os pouco suaves degraus, cavados no saibro do monte – pois é verdade; estávamos nós aqui, eu com o Daniel e a Clarita, a conversar...*

– *Ah!, bem me pareceu que era ela.*

– *Era ela, sim. Então que dúvida? Olha que sempre fizeste uma descoberta!*

– *Mas para que diabo fugia a rapariga, então?*

– *Dize antes porque diacho não fugimos nós? Mas o meu reumatismo é que me não deixou*⁶.

Perante a insistência das perguntas colocadas por João Semana para indagar dos motivos que reuniram o triunvirato, e sem que ao reitor lhe ocorresse uma justificação plausível que o convencesse, Daniel acrescentou a dado momento:

– *Olhe, Sr. João Semana, basta que saiba, e depois não pergunte mais nada, que estávamos preparando uma surpresa a meu irmão Pedro, para o dia do casamento dele*⁷.

A frieza de Daniel na resposta devolvida, sem deixar resvalar qualquer estado de agitação ou até constrangimento, foi conferida pelo reitor ao acrescentar:

– *Casamento que, se Deus quiser, hei-de brevemente abençoar. Estás agora satisfeito, João Semana? Pois é verdade, Daniel meditava grandes novidades para o dia do casamento do irmão, grandes festas por casa dele e da noiva, et caetera, et caetera. Mas o seu projecto não mereceu, nem merece, a minha aprovação*⁸.

Obviamente que nesta última fala há um duplo sentido implícito, que se reconhece na desaprovação do pseudoprojeto: para João Semana, e aceitando-se a tese de que acreditou no que lhe foi dito, as frases não terão tido outro sentido para além daquele que as palavras imediatamente ali representavam; todavia, para Daniel, fizeram ressoar os pri-

⁵ DINIS, 1992a (1867): 268.

⁶ DINIS, 1992a (1867): 269.

⁷ DINIS, 1992a (1867): 270.

⁸ DINIS, 1992a (1867): 270-271.

meiros ardores de reprovação por parte do pároco em relação ao encontro com Clara. Tornando-se de grande préstimo na defesa do compromisso da honra de uma das personagens, nesta estratégia ficcional a respeitabilidade do reitor assume claramente o desejado «outro lado do saber», cuja afirmação da palavra impõe a necessária autoridade para trazer de volta a ordem social e familiar naquele pequeno núcleo da aldeia. Só que na verdade tratou-se de um falso-saber, da chamada mentira-bondosa arrancada a um conhecimento pontualmente conjeturado, e para refolgo de uma reputação que, no quadro da verdade dos factos, sairia necessariamente maculada. Mas, entretanto, a defesa da exemplaridade moral de Clara – e considere-se esta personagem como o único alvo consequencial da transgressão – não se ficou por este episódio narrativo. Um posterior encontro, desta vez quando Clara conversava de novo com Daniel no quintal de sua casa, foi gerador da intervenção da irmã Margarida que, numa atitude voluntária e espontânea, se fez substituir a Clara para a afastar da ira de Pedro, que considerando-a traidora à fidelidade mutuamente prometida se arriscava a cometer crime de ciúme e vingança. Perante este sombrio cenário de grande tensão, que no primeiro plano seria familiar e no seguinte social, Margarida, para resguardar a dignidade e honra da irmã diante de quantos escutavam a contenda no exterior da habitação, voluntaria-se a correr o risco de que o vexame – familiar e social – recaísse sobre si própria, gesto de tão grande cumplicidade e tão profunda dignidade só possível pelos laços de sincero amor fraternal que as cingia. Ultrapassado o paroxismo da situação, o episódio cede à tensão emocional e o capítulo encerra com um breve diálogo entre o reitor e Margarida:

- Foi um sacrifício heróico, Margarida, para o qual poucas teriam fortaleza.
- Um sacrifício?!...
- Sim, não é a mim que iludiste, filha, que te conheço bem e há muito. Vai ter com a verdadeira culpada...
- Não a [Clara] condene, Sr. Reitor; o seu anjo bom não a abandonou ainda desta vez.
- Bem sei – respondeu o reitor. – Pois não te vejo eu aqui? Mas vai, e acaba a tua obra abençoada, confortando-a e chamando-a ao caminho do arrependimento. Eu também tenho a minha tarefa. E dou graças a Deus por ter permitido que os meus deveres paroquiais me conservassem por fora até estas horas. Até amanhã, minha filha⁹.

Uma vez mais o «outro» – o reitor – intervém no momento certo para a devida defesa e proteção da personagem, arvorando a solução necessária para suprimir desinteligências que poderiam levar longe a (des)honra destes seus paroquianos. Observe-se que nestes incidentes narrativos, em que a presença protetora do «outro» vai afastando a probabilidade de a personagem-alvo ser publicamente humilhada, assiste-se sempre à diluição do erro para dar lugar à sensatez.

O mesmo tipo de compromisso narrativo é reconhecido pela crença na bondade do ser humano que o enredo do romance *The Vicar of Wakefield* oferece, o qual se poderá ler

⁹ DINIS, 1992a (1867): 283-284.

a partir da representação de uma personagem de contornos regeneradores criada por Oliver Goldsmith – Mr. Burchell. Para confirmar esta opinião contribui o facto de, no final da intriga, Mr. Burchell aparecer quase em jeito de *deus ex machina* para resolver todas as conflitualidades romanescas. Mr. Burchell, que no capítulo treze do romance é considerado inimigo da família de Dr. Primrose ao ter aconselhado Deborah a que as filhas Olivia e Sophia não fossem para Londres e permanecessem na aldeia – o que contrariou fortemente os ânimos de ascensão social a que o casal tanto aspirava a opinião vê-se agravada quando, mais tarde, se vem a descobrir que Mr. Burchell tivera sido o mentor de uma carta escrita às presumíveis anfitriãs, pedindo-lhes para «seriously reflect on the consequences of introducing infamy and vice into retreats where peace and innocence have hitherto resided»¹⁰. Tais entraves tecidos por Mr. Burchell, se por bondade sincera, ou ardiloso propósito no interesse afetivo por alguma das duas jovens, é uma questão que, até àquele momento da narrativa, o romance não resolve com clareza, deixando-a em aberto à intuição exegética de cada leitor. Certo é o facto de posteriormente Sophia ter sido raptada, e de Olivia ter desaparecido e ter sido considerada morta, embora recuperada com vida ao fim de algum tempo. Entretanto, é no final do romance que o conhecimento acerca dos factos trazido por Mr. Burchell acaba por resgatar a família Primrose de várias desventuras às quais sucessivamente sucumbia, assumindo então, com extraordinária utilidade, o papel regenerador conferido pelo «outro» àquela saga familiar. Isto acontece quando o Dr. Primrose já se encontrava na prisão (por incumprimento para com o senhorio), e na companhia do filho Moses (por duelo com Mr. Thornhill, o raptor de Sophia). As falas de profunda gratidão são descritas pelo narrador aquando do encontro de Sophia com o pai Dr. Primrose:

«Here, pappa», cried the charming girl, «here is the brave man to whom I owe my delivery; to this gentleman's intrepidity I am indebted for my happiness and safety». A kiss from Mr. Burchell, whose pleasure seemed even greater than hers, interrupted what she was going to add¹¹.

Só que a interrupção às palavras esclarecedoras de Sophia por um gesto carinhoso de Mr. Burchell, obrigando a que ficassem em suspenso, torna-se motivo para que o leitor perceba que, de facto, algum entendimento afetivo haveria entre o jovem casal. E continuando-se neste clima de euforia, e reconhecimento, percebamos agora como o vigário Dr. Primrose se dirige ao casal:

«Welcome then», cried I, «my child, and thou her gallant deliverer, a thousand welcomes. Though our cheer is but wretched, yet our hearts are ready to receive you. And now, Mr. Burchell, as you have delivered my girl, if you think her a recompense she is yours, if you can stoop to an alliance with a family so poor as mine, take her, obtain her consent, as I know you have her heart,

¹⁰ GOLDSMITH, 2004 (1766): 46.

¹¹ GOLDSMITH, 2004 (1766): 111.

*and you have mine. And let me tell you, Sir, that I give you no small treasure, she has been celebrated for beauty it is true, but that is not my meaning, I give you up a treasure in her mind*¹².

Recuperada Sophia, surge entretanto o verdadeiro acontecimento narrativo de recobro do ânimo familiar. Ainda Mr. Burchell, homem de débeis recursos económicos mas de enorme dignidade, a quem Dr. Primrose ofereceu a filha em casamento conforme se leu, viu-se a dado momento desmascarado na sua representação, quando surge outra personagem, Sir William Thornhill, que foi de imediato reconhecido pelo tio Mr. Burchell. E então aclara-se que Mr. Burchell não era Mr. Burchell, mas sim Mr. Thornhill, o qual confessa a Moses: «I have long been a disguised spectator of thy father's benevolence»¹³. Após Mr Burchell ter confessado, em jeito de conclusão, que o seu sobrinho Mr. Thornhill «had often declared to him that he was in love with both sisters at the same time»¹⁴, a transferência de identidade para o verdadeiro «outro», o elemento salvífico do infortúnio, tornou-se afinal na necessária roupagem para que Mr. Thornhill pudesse abeirar-se da família do vigário em atitude de remissão, (re)consideração e (re)instalação da ordem, também da social. Quer neste enovelado exemplo do texto de Oliver Goldsmith, quer no que anteriormente foi apontado da caneta de Júlio Dinis, a situação coloca-se num plano em que o leitor percebe a gravidade do momento e a concomitante utilidade do «outro» para defesa da honra e recondução do estatuto moral das personagens incriminadas, na circunstância, Clara e Mr. Burchell. Daí que, se a necessidade narrativa não tivesse ainda substituído as personagens que efetivamente cometeram a transgressão pelo «outro», calcula-se que seria com enorme e indesejável complexidade da própria intriga que os desenvolvimentos romanescos pudessem vir a regular a boa imagem de todos os envolvidos.

O texto de Jane Austen *Pride and Prejudice* convida-nos a similar reflexão. Para tal centremos a atenção num episódio romanesco em torno de outro conhecido rapto literário – o da jovem Lydia levado a cabo pelo militar Mr. Wickham. Mas antes de se avançar para a análise de como o «outro» – que na circunstância tanto virá a ser Mr. Darcy como Mr. Gardiner – foi importante na resolução da problemática familiar, leia-se um pequeno parágrafo no qual se acentua a preocupação das personagens de não perturbar a sensibilidade de todas as restantes com quem se relacionavam. Após uma estadia do *pater familias* Mr. Bennet em Londres para indagação do paradeiro da filha Lydia, e apesar da ânsia e avidez de informação com que era aguardado no regresso a casa, segundo o narrador foi com refletida e delicada sobriedade que os primeiros diálogos se travaram:

When Mr. Bennet arrived, he had all the appearance of his usual philosophic composure. He said as little as he had ever been in the habit of saying; made no mention of the business that had taken him away, and it was some time before his daughters had courage to speak of it.

¹² GOLDSMITH, 2004 (1766): 112.

¹³ GOLDSMITH, 2004 (1766): 114.

¹⁴ GOLDSMITH, 2004 (1766): 117.

It was not till the afternoon, when he had joined them at tea, that Elizabeth ventured to introduce the subject; and then, on her briefly expressing her sorrow for what he must have endured, he replied, «Say nothing of that. Who should suffer but myself? It has been my own doing, and I ought to feel it».

«You must not be too severe upon yourself», replied Elizabeth¹⁵.

Pese embora o caráter de Mr. Bennet ser dado a poucas expansões, ainda assim percebe-se que terá sido pelo cuidado em não massacrar a família com respostas que não iriam ao encontro das suas ansiedades que, à chegada, se terá absterido de tecer comentários imediatos. E quando mais tarde, reunida a família à hora do chá, Elizabeth abordou a questão fulcral que a todos preocupava, fê-lo cuidadosamente, e sendo que a primeira resposta do pai exibiu o mesmo cuidado em não sobrecarregar os «outros» elementos familiares, logo reclamou as culpas do infortúnio para si próprio. Sem dúvida que nesta estratégia romanesca Jane Austen criou uma articulada tecitura para resolução de toda a problemática. Num primeiro momento, todo o agradecimento da família recai sobre Mr. Gardiner, irmão de Mr. Bennet, que através de troca de correspondência tinha conseguido localizar o casal evadido em Londres. E no âmago de toda a euforia, quando seguidamente Mr. Gardiner lhes comunica as exigências de Mr. Wickham relativamente ao dote de Miss Lydia Bennet – «one hundred a year during my [Mr. Bennet] life, and fifty after I am gone»¹⁶, o montante do dote, considerado moderado, mais contribuiu para enorme alegria familiar. Sem se poder questionar que, imediatamente, toda a glória da resolução desta desventura familiar recai sobre a ação de Mr. Gardiner, acrescentada ainda, dadas as dificuldades económicas do momento que a família atravessava, por ter substituído Mr. Bennet no cumprimento da solicitação pecuniária de Mr. Wickham, finalmente vem-se a constatar que não tinha sido bem assim, pois fora afinal Mr. Darcy o grande mentor do final feliz deste imbricado episódio. Ao tomar conhecimento do rapto, e suspeitando que o casal se poderia encontrar em casa de Mrs. Younge, «who was some time ago governess to Miss Darcy [...] [and who] took a large house in Edward Street, and has since maintained herself by letting lodgings»¹⁷, Mr. Darcy dirige-se a Londres e, obedecendo a esta pista que intuiu, também não lhe foi difícil encontrar o refúgio do jovem casal Lydia e Mr. Wickham. Após um levantamento da situação, e ao verificar a pouca inclinação do amigo Wickham para o casamento e a resolução de Lydia em se manter naquele estado civil de transgressão social, Mr. Darcy entendeu que

Since such were her feelings, it only remained, he thought, to secure and expedite a marriage, which, in his very first conversation with Wickham, he easily learnt, had never been his design¹⁸.

¹⁵ AUSTEN, 1999 (1813): 200.

¹⁶ AUSTEN, 1999 (1813): 203.

¹⁷ AUSTEN, 1999 (1813): 215.

¹⁸ AUSTEN, 1999 (1813): 216.

Chegados aqui, esta questão suscita outra ponta do emaranhado: Mr. Darcy, tendo-se proposto a resgatar a difícil situação da família Bennet, reclama para si a culpabilidade da situação ao referir que tinha sido

his conviction [...] that Wickham's worthlessness had not been so well known, as to make it impossible for any young woman of character to love or confide in him. He generously imputed the whole to his mistaken pride, and confessed that he had before thought it beneath him, to lay his private actions open to the world¹⁹.

E surge o momento em que o texto, embora com razoável hermetismo, sugere que o dito benefício financeiro concedido por Mr. Gardiner como dote da sobrinha tinha sido, enfim, efetuado por Mr. Darcy. Leiam-se algumas frases da carta de Mrs. Gardiner a Elizabeth:

Nothing was to be done he did not do himself; though I am sure (and I do not speak it to be thanked, therefore say nothing about it) your uncle would most readily have settled the whole. [...] But at last your uncle was forced to yield, and instead of being allowed to be of use to his niece, was forced to put up with only having the probably credit of it, which went sorely against the grain²⁰.

Conclui-se, pois, que fora Mr. Darcy a personagem de grande utilidade narrativa na conservação da boa conduta moral de Lydia Bennet, assumindo no romance a representação do «outro» que, em perfeito anonimato, mas com o conhecimento dos factos, defendeu a honra e reputação de outra personagem. Todavia, será sem total candura que neste episódio se reconhecerá a gratuidade absoluta no gesto altruísta de Mr. Darcy. O afeto que Mr. Darcy sentia por Miss Elizabeth Bennet, com quem vem a casar no epílogo da ficção, não lhe conviria que o escândalo social de Wickham e Lydia ocorresse, e na medida em que estaria nas suas intenções poder vir a pertencer à mesma família. Daí que, para Mr. Darcy, defender a honra da família Bennet equivaleria a defender a sua própria honra. E assim este romance reclama duplamente a indispensabilidade do «outro lado do saber»: num primeiro momento, conhecedor do que se estava a passar com o jovem casal em Londres, é Mr. Darcy quem se faz substituir ainda por «outro» (Mr. Gardiner) para se manter em anonimato; na fase seguinte, percebe-se que o gesto altruísta de Mr. Darcy em salvar a reputação da família Bennet reside no resguardo e defesa do seu próprio nome – ambos os momentos de profunda utilidade narrativa não só ao nível da identidade singular, como do coletivo familiar.

Esta tendência mantém-se em *Tom Jones*, o longo romance de Henry Fielding em que o «outro» é também de fundamental importância na condução da trama romanesca, e neste contexto destaque-se uma estratégia em que prevalece a permanente disputa entre

¹⁹ AUSTEN, 1999 (1813): 215.

²⁰ AUSTEN, 1999 (1813): 217.

duas personagens – trata-se do relacionamento de Mr. Square e Mr. Thwackum²¹, considerado por alguns críticos como a grande controvérsia humanista da literatura do século XVIII inglês. Para aclarar a compreensão, será entretanto necessário focalizarmo-nos no percurso inicial e na ascendência de Tom Jones, o herói do romance. Regressado de Londres, após um razoável período de ausência, o juiz de paz Mr. Allworthy é surpreendido com um bebé deixado no seu quarto, e ao chamar a governanta Miss Deborah Wilkins para que cuidasse dele naquela noite, esta alerta-o acerca de possíveis comentários incriminatórios que a presença do bebé naquela casa poderia vir a causar a partir da vizinhança:

I don't know what is worse, [...] than for such wicked strumpets to lay their sins at honest men's doors; and though your worship knows your own innocence, yet the world is censorious; and it hath been many an honest man's hap to pass for the father of children he never begot; and if your worship should provide for the child, it may make the people the apter to believe²².

A perspicácia associada à ciumenta e até perversa fidelidade da governanta, de resto, característica comum no corpo de serviços deste romance, logo antevê a caluniosa possibilidade de Mr. Allworthy vir a ser socialmente considerado o progenitor do bebé Tom. E quando no dia seguinte, ao pequeno-almoço, Mr. Allworthy se encontra com a irmã, Miss Bridget, e lhe conta o sucedido, o narrador informa que

Miss Bridget had always express so great a regard for what the ladies are pleased to call virtue, and had herself maintained such a severity of character, that it was expected, especially by Wilkins, that she would have vented much bitterness on this occasion, and would have voted for sending the child, as a kind of noxious animal, immediately out of the house; but, on the contrary, she rather took the good-natured side of the question, intimated some compassion for the helpless little creature, and commended her brother's charity in what he had done²³.

Após várias peripécias em torno desta questão, nas quais se inclui o ousado cuidado de Mrs. Wilkins visitar todas as habitações da aldeia para encontrar a mãe da criança, tal pertença foi de imediato atribuída à jovem Jenny Jones. Esta personagem tornou-se no alvo apetecível pelos membros daquela família, pois tratando-se de uma rapariga de grande beleza moral e refinada inteligência²⁴, e dado ainda que «she obtained a competent skill in the Latin language, and was, perhaps, as good a scholar as most of the young men of quality of the age»²⁵, segundo a narrativa a inveja não se fez esperar e atacou-a como pôde. Estava pois desenhado o quadro romanesco que, se por um lado pretendia defender a virtude e a honra de Mr. Allworthy e família, por outro lado foi também a defesa da honra, a da palavra, que levou Jenny Jones a assumir, pacificamente, a maternidade do bebé

²¹ O título do capítulo III, o Livro III, é bastante elucidativo em relação ao conteúdo: «The character of Mr. Square the philosopher, and of Mr. Thwackum the divine; with a dispute concerning.» (vide FIELDING, 2007 [1746]: 82-84.

²² FIELDING, 2007 (1746): 9.

²³ FIELDING, 2007 (1746): 9.

²⁴ FIELDING, 2007 (1746): 16 *passim*.

²⁵ FIELDING, 2007 (1746): 16.

Thomas que não lhe pertencia. E é já quase no final do romance que as palavras de Mrs. Waters (Jenny Jones) dirigidas a Mr. Allworthy são esclarecedoras deste ambiente de valores morais, desta vez também colocados ao serviço de conveniências sociais:

So far what I confest [sic]», said she, «was true, that these hands conveyed the infant to your bed; conveyed it thither at the command of its mother [Mrs. Bridget]; at her commands I afterwards owned it, and thought myself, by her generosity, nobly rewarded, both for my secrecy and my shame²⁶.

Graças à retidão de caráter de Jenny, a honra e memória de Mrs. Bridget manteve-se incólume até este momento da narrativa – tratava-se da irmã de Mr. Allworthy falecida quase no início do romance, e após a morte do marido Capitain Blifil, a qual, após ter preparado a ausência da governanta, confiou o segredo da sua gravidez a Jenny Jones e sua mãe. E é a própria Jenny Jones quem faz este relato no final do enredo:

Then the child was born, in the presence only of myself and my mother, and was by my mother conveyed to her own house, where it was privately kept by her till the evening of your return, when I, by the command of Miss Bridget, conveyed it into the bed where you found it. And all suspicions were afterwards laid asleep by the artful conduct of your sister, in pretending ill-will to the boy, and that any regard she shewed him was out of meer complacence to you²⁷.

Desvendado que Thomas Jones era afinal filho de Miss Bridget, mais se fica a saber acerca da paternidade, ainda pela voz narrativa de Jenny Jones em diálogo com Mr. Allworthy:

... that Mr. Summer, the son of your friend, educated at your expense, who, after living a year in the house as if he had been your own son, died there of the small-pox, was tenderly lamented by you, and buried as if he had been your own; that Summer, sir, was the father of this child²⁸.

Finalmente, desvela-se que Tom Jones era irmão do seu figadal inimigo Mr. Blifil, circunstância que uma carta escrita por Mrs. Blifil no leito de morte vem a confirmar, mas que só neste momento de denodo do enredo o leitor passa a conhecer.

Henry Fielding tece uma maquinada teia de episódios narrativos em que o «outro» – Jenny Jones – foi de extrema importância para neutralizar infrações e defender cruzamentos e tensões sobre valores éticos, de que as classes sociais mais bem estabelecidas tanto se orgulhavam. Mas se repararmos, o escritor também defende, e admiravelmente, a honra das classes mais humildes. Jenny Jones, pese embora ter recebido alguma recompensa de ordem material no momento em que assume a maternidade do bebê, submete a sua honestidade moral à inteira fidelidade do pedido que lhe tinha sido feito pela patroa da mãe, tendo para tal, inclusivamente, de abandonar a terra onde até então sempre tinha

²⁶ FIELDING, 2007 (1746): 816.

²⁷ FIELDING, 2007 (1746): 817-818.

²⁸ FIELDING, 2007 (1746): 816.

vivido, conservando o segredo até ao derradeiro momento da intriga. Cumprindo-se os propósitos romanescos do desenlace, para que não ficassem dúvidas ou suspeitas indevidas num momento em que a verdade se impunha sem prejuízos, e que neste momento até se apresentavam com vantagem para qualquer das partes envolvidas, Jenny Jones aclara o quadro em que ela era a figura central, alegando que se tinha assumido no «outro» para defesa da honra de Miss Bridget. Mas não só. É que noutros desenvolvimentos narrativos, fica-se ainda a saber que num encontro tardio com Tom Jones em Londres, que Jenny tão-pouco reconheceu, a jovem foi alvo de falsa inculpação de crime de incesto, responsabilizações que urgiam ser esclarecidas.

Neste quadro de alusões, mudando-se a nossa observação para Charles Dickens, este escritor assume um posicionamento de enorme originalidade em relação às estratégias criadas nos textos anteriores. Em total obediência ao requisito do «outro» para suportar os desenvolvimentos romanescos construídos, Dickens, em vez de chamar esse mesmo «outro» ao cenário narrativo, antes o afasta dele. Referimo-nos exatamente a Paul Dombey (filho), que cedo se encontrando com a morte aos cinco anos de idade, favorece todo o entretecimento romanesco que virá a trair o próprio título da obra – *Dombey and Son*. Esta exigência obriga Mr. Paul Dombey a confrontar-se com um percurso de progressiva clivagem da sua implementação social, pelo que a narrativa se articula na exibição do penoso movimento de cedência do protagonista ao seu profundo orgulho, sentimento que ditava todas as orientações comportamentais, onde quer que estivesse inserido. Ao longo das imensas páginas deste romance a personagem vai paulatinamente enfraquecendo em importância social, embora robustecendo em termos de valores humanos, conforme o leitor percebe no final da obra. Neste romance, e apesar do realismo literário de Charles Dickens, cria-se uma tensão, ainda algo romântica, que conduz à vitória do homem natural e à derrota do homem artificial. Mas perceba-se um pouco deste engendrado dickensiano.

Em diálogo com a irmã Florence Dombey, nos últimos momentos de vida de Paul Dombey, este coloca-lhe uma questão que servirá de suporte axial a toda a problematização da narrativa: «[...] Floy, are we *all* dead, except you?²⁹». De facto a família Dombey conhecia um tal esvaziamento em matéria de laços afetivos, que Florence era o único elemento familiar que dava mostras de estar viva – a sua extrema afetividade opunha-se diametralmente ao pai, que se apresentava insensível a qualquer gesto de afeição. Mr. Dombey vivia apenas para o poder que exercia com enorme altivez em todas as frentes da sua vida, sem em momento algum o omitir no ambiente familiar, e que socialmente ostentava com a inverdade de profunda hipocrisia. Porém, a tessitura narrativa vai-lhe proporcionar um percurso em total oposição ao dos seus abrilhantados projetos. Rejeitando por completo a filha, era no filho que residia a esperança contida entre o alfa e o ómega de toda a sua ambição, vaidade e orgulho de Mr. Dombey jorradadas por pura satisfação individual e para reflexo da importância social que daí lhe adviria. E esta noção ofereceu-se com franca nitidez nas primeiras páginas do romance quando Dr. Peps, relem-

²⁹ DICKENS, 2002 (1848): 251.

brando a Mr. Dombey o nascimento da filha Florence, lhe motiva a seguinte resposta, ainda acompanhada dos comentários do narrador:

«Ay, ay, ay», said Mr Dombey, bending over the basket bedstead, and slightly bending his brows at the same time. «Miss Florence was all very well, but this is another matter. This young gentleman has to accomplish a destiny. A destiny, little fellow!» As he thus apostrophized the infant he raised one of his hands to his lips, and kissed it; then, seeming to fear that the action involved some compromise of his dignity, went, awkwardly enough, away³⁰.

A morte de Paul impediu por completo que Mr. Dombey avançasse com os planos futuros que tinha traçado para os destinos comerciais da Casa Dombey and Son – constatação que a lucidez da governanta Miss Tox deixou registada numa frase lapidar quando Paul perde a vida: «Dear me, dear me! To think [...] that Dombey and Son should be a Daughter after all!³¹». Não obstante, vem a ser no epílogo do romance que as vicissitudes narrativas da representação do «outro» se transferem de Paul Dombey para a irmã Florence Dombey. Neste episódio Dickens gerou uma representação para Mr. Dombey que não prescindiu de recorrer duplamente à figura do «outro», de maneira a poder entretecer toda a problemática em torno da identidade do protagonista. E isto ocorre quando, constrangido já pelas contingências da vida, nada mais irá restar a Mr. Dombey, física e socialmente arruinado, do que ceder à generosidade e amor filial de Florence Dombey, gestos que ambos nunca anteriormente tinham conhecido. Assiste-se à metamorfose sentimental da personagem, somente conseguida após o desabamento do homem social solidamente edificado – de resto, o grande filão crítico neste extraordinário trabalho literário de caneta inglesa. Esta narrativa encontra-se então com dois grandes momentos em que o «outro» assume uma preponderância indispensável, não pelo conhecimento, mas pela presença que ora esvazia, ora preenche. Logo no início do romance, o afastamento de Paul Dombey, de tenra idade, torna-se indispensável para a narrativa moldar o caráter arrogante, cínico e obstinado de Mr. Dombey. No final do romance, a reintegração de Florence Dombey na trama, já afastada da tutela parental há vários anos, torna-se indispensável para a narrativa exibir o homem psicologicamente reorganizado, familiarmente afetuoso e já sensível ao mundo que o rodeia.

O limitado espaço deste ensaio não permite ir além da ilustração de um breve exemplo de cada autor. Mas não se poderá encerrar sem abordar uma circunstância que, no contexto da importância do «outro» na construção da identidade de determinada personagem, foi de reconhecida importância no pensamento destes escritores. Trata-se da criação da personagem andrógina, (quase) sempre construída no feminino, preocupação sustentada pelos textos românticos ingleses, pois tal como Diane L. Hoeveler refere relativamente à poesia, os escritores deste período «called for a radical reformulation of not only social roles for women, but attitudes toward them as well»³², não se podendo ainda esque-

³⁰ DICKENS, 2002 (1848): 14.

³¹ DICKENS, 2002 (1848): 253.

³² HOEVELER, 1990: 5.

cer que, na época, «woman as “Other” is a familiar theoretical concept within the French tradition»³³. A supremacia dos comportamentos femininos perante o «outro» advém-lhe da firmeza de carácter estruturada numa energia psicológica onde se combinam o traço feminino da harmonia sentimental e o da racionalidade masculina. E então, muito resumidamente, concorde-se com essas presenças nos romances de Júlio Dinis na representação de Jenny Whitestone em *Uma Família Inglesa*, de Margarida e Joana em *As Pupilas do Senhor Reitor*, de Madalena em *A Morgadinha dos Canaviais*, ou de Gabriela e Ana do Vedor em *Os Fidalgos da Casa Mourisca*. Mas concorde-se ainda que neste esforço literário não poderá deixar de se identificar o subsídio destes escritores ingleses. E para tal aponte-se o desempenho narrativo de Florence Dombey em *Dombey and Son* – de enorme equivalência ao de Jenny Whitestone em *Uma Família Inglesa*³⁴ –, de Miss Western em *Tom Jones*, ou do Dr. Primrose em *The Vicar of Wakefield*. Mas de notar que neste último caso, a androginia está de facto entregue a uma personagem masculina, pois em todos os momentos narrativos este vigário congrega e exerce a combinação da energia feminina com a masculina, indispensáveis ao alimento psicológico de toda a família na luta incessante contra tamanha e tão variada adversidade. Ainda nesta matéria, poder-se-á entender que Jane Austen é um caso de exceção, circunstância que a própria crítica literária atribui a dois factos: tratar-se de uma escritora e colocar todas as personagens em paridade de representação, atribuindo-lhes igualdade de responsabilidade moral e social³⁵. Ainda assim, entendemos que o carácter de Elizabeth Bennet se revela francamente andrógino, pois, sobretudo perante Mr. Darcy, apresenta-se com determinação e racionalidade, e, não deixando de afirmar a docilidade feminina, esta é frequentemente esmagada por traços de virilidade psicológica incomuns ao género. Nestes textos em que assistimos à representação de uma personagem andrógina, o «outro» sobressai do próprio carácter dual de um «eu» que, no dizer de Adalberto Dias de Carvalho, será «a presença originária do outro em mim»³⁶, o qual exige recuperar a ordem perante algo, ou alguém. Mas nestes romances a presença do «outro» impõe-se ainda, e com curiosa expressividade, através da recuperação mimética da arte pictórica. E então telas pintadas ou retratos são frequentes coadjuvantes das exigências da identidade que as observa. Quer pela influência que exercem no plano de perpetuação da autoridade moral na estrutura familiar, e neste caso aponte-se a relação de D. Margarida com o retrato pintado do marido no conto dinisiano «As Apreensões de uma Mãe», quer pela perscrutação melancólica e silenciosa do retrato para resolução de problemas do quotidiano, efeito emocional buscado por Jenny Whitestone em *Uma Família Inglesa*, quer no ato contemplativo exercido por Florence Dombey junto ao retrato da mãe, do qual retira a ascendência psicológica de protecção e recuperação dos afetos. Mas ainda em *Dombey and Son*, pela observação quase meta-empírica de algumas gravuras do colégio, o jovem Paul conclui acerca das parencas da irmã com a mãe através de diálogos miméticos em busca de recompensa afetiva, reconforto e per-

³³ HOEVELER, 1990: 2.

³⁴ ABREU, 2015.

³⁵ HEILBRUN, 1973: 74.

³⁶ CARVALHO, 2007: 12.

feição moral. Extraordinário é ainda o desempenho de uma tela pintada no solar de Pemberley, em *Pride and Prejudice*. Após Elizabeth Bennet ter contemplado a representação pictórica de Mr. Fitzwilliam Darcy durante alguns minutos, mudou de opinião acerca da personagem ao perceber que passou a conhecer o verdadeiro Mr. Darcy através da pintura exposta na parede. Mas não só. É que foi neste ato de fulgor de presença e ausência pela observação do «outro» que Miss Bennet conseguiu ainda momentos de autodescoberta, após se despojar da aura de preconceitos de que sempre se investia. Em todas estas estratégias narrativas, que se alimentam da observação da arte pictórica, existe uma clara vivificação do ser visualmente representado, capaz de interagir com a personagem em demanda de resposta às suas perplexidades, permitindo similarmente aludir-se à «pictorial vividness»³⁷ de que fala Christopher Worth ao referir-se às descrições ecrásticas no romance inglês dos séculos XVIII e XIX. Nestas estratégias, o «outro» não é uma personagem, mas a representação de uma personagem, estaticismo pictórico ou fotográfico que nos textos se dinamiza pela leitura de mensagens recuperadas pelo observador.

Nestas sumariadas abordagens pretendeu-se colocar em evidência que a criatividade ficcional destes escritores não dispensou a representação do «outro», sobretudo na problematização e desenlace das tramas. O «outro», ainda que pela estranheza do desdobramento psicológico da personagem andrógina, que a distingue do restante elenco da ação narrativa, emerge geralmente da imperatividade de defender ou promover um determinado conjunto de valores morais, num inexorável quadro em que as incorreções cedem sempre lugar não à punição, mas à dignidade. E quando a representação do «outro» provém de um objeto, o pictórico, o autor cria a desejada e necessária «*enargeia*» ainda referida por Christopher Worth³⁸, através da qual a personagem se metamorfoseia pelo afeto, regras de conduta, de proteção, de reconforto ou pelo reconhecimento da verdade que dele extrai. Nestes textos dos séculos XVIII e XIX, favorecedores da organização de um virtuoso cenário que quase se pretende aproximar do messiânico, se na representação do «outro» se arvora a grandeza de sentimentos em todas as tensões e cruzamentos em público ou privado de que determinada personagem carece, recaindo sobre ele o grande exemplo a reter, os escritores foram sobretudo sensíveis à interpenetração e imposição de marcas de personalidade favorecedoras do esbatimento de diferenças, delas extraindo especificidades de sentido ético que denotam a importância e o respeito, individual ou coletivo, pela presença do «outro» nas várias ações narrativas.

É consabido que a literatura da periodologia romântica, mergulhada em quiméricas emoções e sentimentos exacerbados, numa fase ulterior deixou-se atravessar por códigos civilizacionais criticamente impostos às suas personagens, em regra pelo contraste do meio em que elas representavam com o de uma nova mundivisão que se queria ver instalada. Estávamos já numa transição para o Realismo literário. E cremos ter-se percebido que estes romances de que aqui nos ocupamos quebram exatamente essas fronteiras do sujeito romântico em nostálgica atitude que o ensimesma, quase sem soluções para além

³⁷ WORTH, 1981: 14.

³⁸ ABREU, 2015: 57-62.

da morte, para, pelo contrário, se revelar disposto à superação, sabendo ultrapassar-se tantas vezes pela ajuda do «outro», de quem recolhe o exemplo demonstrado. Mas estas opções romanescas decorrem afinal da perspicácia observadora de cada autor no mundo que os rodeava, já alheia de normativas literárias que ainda iam cruzando as páginas do romantismo literário – de resto, foi esta a determinação de Júlio Dinis³⁹. Este escritor, e os pares ingleses chamados a debate, ansiavam por uma sociedade requalificada, reformada, informada, moderna, na qual o sujeito fosse uma respeitada e esclarecida célula dessa unicidade em que se integrava. E não se podendo descurar o enquadramento epistemológico e conceptual da época que lhes corresponde, percebe-se que nestes enredos o sujeito é chamado a representar em cenários de relações interpessoais eivadas pela ânsia da utopia social, na qual o fenómeno da alteridade sempre se teria de se assumir como o «outro lado do saber» – propósitos que, quem sabe?!..., tantas vezes poderão ter surpreendido o próprio escritor, muitas vezes também o leitor, sem excluir, afiançadamente!..., o investigador que o estuda e analisa.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Carmen M. (2015) – *Júlio Dinis: o romance português de raiz inglesa*. Brasil, Salvador da Bahia: EDUFBA.
- AUSTEN, Jane (1999 [1813]) – *Pride and Prejudice*. Ian Littlewood, *intr. e notas*. Londres: Wordsworth.
- CARVALHO, Adalberto D. (2007) – *O outro como eu*. In BIZARRO, Roza, *org.* – *Eu e o outro: Estudos Multidisciplinares sobre Identidade(s), Diversidade(s) e Práticas Interculturais*. Perafita: Areal Editores.
- DICKENS, Charles (2002 [1848]) – *Dombey and Son*. Andrew Sanders, *ed., intr. e notas*. Londres: Penguin.
- DINIS, Júlio (1992a [1867]) – *As Pupilas do Senhor Reitor*. Obras Completas de Júlio Dinis. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. 1.
- DINIS, Júlio (1992b [1868]) – *A Morgadinha dos Canaviais*. Obras Completas de Júlio Dinis. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. 3.
- DINIS, Júlio (1992c [1868]) – *Uma Família Inglesa*. Obras Completas de Júlio Dinis. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. 2.
- DINIS, Júlio (1992d [1872]) – *Os Fidalgos da Casa Mourisca*. Obras Completas de Júlio Dinis. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. 4.
- FIELDING, Henry (2007 [1746]) – *The History of Tom Jones, a Foundling*. Londres: Vintage Books.
- FRANÇA, José-Augusto (1999 [1974]) – *O Romantismo em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte.
- GOLDSMITH, Oliver (2004 [1766]) – *The Vicar of Wakefield*. Mineola, Nova Iorque: Dover Publications.
- HEILBRUN, G. Carolyn (1973) – *Towards Androgyny: Aspects of Male and Female in Literature*. London: Victor Gollancz Ltd.
- HOEVELER, Diane Long (1990) – *Introduction: Women, Androgynes, Poets, and Critics*. In *Romantic Androgyny: the women within*. EUA: The Pennsylvania State University.
- PIRES, Maria João (1996) – *Intertextualidade e Poder na Poesia de Christina Rossetti*. «Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto», vol. XIII, p. 147-155.
- SARAIVA, A. J.; LOPES, O. (2000) – *História da Literatura Portuguesa*. 17.ª ed. Porto: Porto Editora.
- SHAW, Jeremy (1995) – *The Critique of Reason in English Literature*. Londres: European Institute Press.
- WORTH, Christopher G. (1981) – *Techniques and Uses of Landscape Description in the British Novel (1700-1830), with Special Reference to Scott*. Londres: University of London, Birkbeck College. PhD.

38 ABREU, 2015: 57-62.